

# **Os usos de filmes, séries de TV e vídeos do Youtube por estudantes e professores nas aulas de Psicologia Médica**

## **The uses of movies, TV series and Youtube videos by students and teachers in Medical Psychology classes**

**Américo de Araujo Pastor Junior<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES/UFRJ  
americo@ufrj.br

**Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES/UFRJ  
luizrezende@ufrj.br

**Wagner Gonçalves Bastos**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ  
wgnutes@gmail.com

**Marcus Vinícius Pereira**

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ  
marcus.pereira@ifrj.edu.br

Financiamento: (1) CNPq; (2) FAPERJ.

### **Resumo**

Neste trabalho analisamos a apropriação de vídeos por estudantes e professores da disciplina Psicologia Médica do curso de Medicina, compreendendo a comunicação como um processo circular e multidirecional de produção de sentidos entre produtores e receptores e que as apropriações de vídeos na educação têm sido feitas sob pressupostos que raramente são objetos de estudos empíricos. O estudo contou com acompanhamento das aulas ao longo de um semestre e os resultados mostraram que os sujeitos fizeram apropriações distintas: os professores tenderam a utilizar o vídeo para ilustrar conteúdos e temas que estavam sendo discutidos, enquanto os estudantes se apropriaram dos vídeos como meio de sensibilizar os espectadores para os conteúdos que seriam expostos, tendo como principais mediadores das leituras os tópicos da disciplina. Em comum, tanto professores quanto estudantes fizeram suposições dos espectadores que não coincidiram completamente com o modo como esses sujeitos se reconhecem.

**Palavras chave:** vídeo educativo, estudo de recepção, educação médica.

### **Abstract**

In this study we analyzed the appropriation of videos by Medical Psychology students and teachers. This was done based on the conceptualization of communication as a circular and multidirectional meaning-making negotiation process between producers and spectators and

appropriations of video in education as made under assumptions that are rarely objects of empirical studies. The study included following a semester and the results indicated that students and teachers made this appropriation in different ways. Teachers tended to use the video to illustrate content and themes that were being discussed, while students have used the videos as a way to sensitize viewers to the following presented themes. The topics of the subject were the main mediators of the readings and meanings produced by the spectators in the classroom. Both, teachers and students, made assumptions of viewers who do not entirely coincide with the way they recognize themselves.

**Key words:** educational video, reception study, medical education.

## Introdução

Na literatura científica, muito se tem considerado sobre a importância da apropriação de vídeos e filmes como recursos de ensino e aprendizagem. Ferrés (1996), por exemplo, afirma que vídeos podem despertar a atenção, interesse e motivação de alunos. Já Arroio e Giordan (2006) defendem que os vídeos possibilitam transporte do cotidiano à sala de aula e promovem aquisição de experiências de diversos tipos (conhecimentos, emoções, atitudes e sensações). Boog *et al.* (2003) acrescentam que o recurso audiovisual é um canal privilegiado de acesso aos níveis cognitivo, afetivo e comportamental dos alunos. Para Blasco *et al.* (2005), o uso do cinema suscita a reflexão sobre valores e atitudes como forma de sensibilização para ensinamentos posteriores.

Contudo, como já apontava Worth (1981), essas vantagens citadas a respeito do uso de vídeos e filmes na educação raramente são objetos de pesquisas empíricas, ou mesmo por elas sustentadas. Além disso, esses argumentos se convertem em pressupostos que orientam estudos e apropriações do audiovisual em sala de aula. Segundo Worth, parte desses argumentos está sustentada na crença em haver uma universalidade e transparência da linguagem audiovisual em comunicar para diferentes grupos, e na crença de uma superioridade psicológica e social das imagens sobre as palavras em comunicar.

Podemos acrescentar a essa problemática uma crítica ao modelo de comunicação subjacente às apropriações de filmes e vídeos em espaços educativos. Em alguns dos argumentos apresentados é possível notar a ideia de que o filme é tomado como um estímulo emocional, cognitivo ou comportamental que, em último nível, teria a aprendizagem como resultado. As supostas unilinearidade e unidirecionalidade características do modelo tradicional de comunicação (emissor – mensagem – receptor), fortemente influenciado pelo behaviorismo, são criticadas por Stuart Hall (2003). Em resposta a isso, ele propõe pensar a comunicação como um processo de circularidade, em que produtores e receptores ativamente produzem e negociam sentidos. Pensar nos termos dessa circularidade implica em considerar os espectadores com relativa autonomia na produção de sentidos, na qual mobilizam seus referenciais culturais e de conhecimento para significarem o filme/vídeo assistido.

Outro ponto relevante é considerar as suposições que os produtores de um filme e os professores, que levam essas mídias para as salas de aula, fazem dos espectadores (estudantes) e de que modo buscam abordar esses sujeitos, seja pela produção da mídia ou pela contextualização e mediação empreendida no e com o uso dessas mídias. Quando propomos pensar essas relações, suposições e abordagens, fazemos uso do conceito de modo de endereçamento (Ellsworth, 2001), que diz respeito exatamente aos modos como produtores de filmes supõem e empreendem meios de abordar esse espectador imaginado. Derivado desse conceito, propomos pensar também a ideia de reendereçamento como a ação mediadora dos

professores que se estende desde a apropriação de um vídeo em uma aula até seu efetivo uso, como elemento determinante nessa relação dos espectadores com o audiovisual na sala de aula. Nesse sentido, pensamos que apropriação de vídeos produzidos no contexto social mais amplo ao da escola implica em uma série de recortes dos significados originais por meio da valorização de determinados significados, bem como pela mediação empreendida por aqueles que fazem uso dessa mídia na sala de aula.

Diante desses pontos, algumas questões podem ser postas: Como se dão essas apropriações de vídeos em contextos educativos? Que suposições de educação, comunicação e sujeitos (espectador) estão implícitos nessas apropriações? Quais são os objetivos desses usos? Na busca de responder algumas dessas questões, desenvolvemos um estudo no qual acompanhamos um semestre da disciplina Psicologia Médica (PsiMed), que integra o currículo médico e tem um histórico de uso de filmes. A PsiMed tem por finalidade a formação de médicos que desempenhem atendimentos mais humanizados, objetivo que figura entre as Diretrizes Curriculares da Medicina (PASTOR JUNIOR, REZENDE FILHO E BASTOS, 2012). Segundo esses autores, nessa disciplina são feitos usos de vídeos educativos e filmes comerciais desde 1974, com o objetivo de apresentar e problematizar situações e condutas recorrentes no cotidiano médico. Atualmente, com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, não só os professores utilizam vídeos na sala de aula, mas os alunos também recorrentemente se apropriam dessas mídias.

Com as questões já apresentadas como norte, estudamos as apropriações de vídeos por professores e estudantes de PsiMed e as negociações implicadas nesse uso na sala de aula, de acordo com as características dos vídeos, objetivos aparentes dessas apropriações e modificações que o contexto e a mediação podem empreender à obra original.

## Referencial Teórico

Este estudo está sustentado nos Estudos Culturais, sobretudo nos trabalhos de Stuart Hall (2003) e Ellsworth (2001). Hall desenvolve uma crítica ao modelo de comunicação tradicional (emissor – mensagem – receptor) e propõe pensar as dinâmicas de comunicação como processos complexos, multilineares, multidimensionais e multidirecionais, por meio dos quais os sujeitos envolvidos negociam e produzem sentidos de modo ativo e com relativa autonomia. Assim, Hall propõe a superação do modelo tradicional ao propor o modelo codificação/decodificação em que produtores e receptores negociam os sentidos produzidos mobilizando recursos culturais (códigos).

Para Hall (2003) e Morley (1996), uma mensagem, antes de produzir algum efeito, precisa ser decodificada, e esta decodificação é feita pelo espectador sob referenciais de conhecimento, ideologia e cultura que são quase sempre diferentes dos utilizados na codificação (produção). Nessa mesma linha, Ellsworth (2001) afirma que os filmes imaginam potenciais espectadores, oferecem-lhes papéis forjados no interior de relações sociais presentes nos filmes na forma de uma posição a partir da qual os potenciais espectadores produzem os sentidos esperados pelos produtores. A esse modo de abordagem a autora denomina modo de endereçamento, que pode ser resumido em três perguntas: Quem esse filme pensa que é seu espectador? Quem esse filme quer que seu espectador seja? Quem o espectador pensa que ele é? A adesão a esses papéis e posições também se dá por meio da negociação, mediada pela obra audiovisual, entre produtores e receptores (espectadores). Para a autora, os modos de endereçamento são formas de tentar fixar leituras, tentativas dos produtores em antecipar as reações e as formas de produção de sentido dos espectadores, buscando fixá-los em um ponto de vista do qual devem assistir ao filme e que resulte em um determinado modo de interpretá-lo. Desta forma, o modo

de endereçamento é uma estruturação das relações entre o filme e seus espectadores, e não algo que reside inteiramente na obra. Por ser uma relação, o modo de endereçamento é invisível, não localizável.

As negociações relativas ao seu modo de endereçamento ocorrem no espaço social em que a obra circula e é utilizada. Nesse sentido, propomos pensar que no espaço social de utilização e apropriação de um vídeo ou filme, como uma sala de aula, pode haver uma modificação ou adaptação dos sentidos e modos de endereçamento originalmente pretendidos. Ao se apropriar de um filme em uma determinada aula, o professor articula o discurso da obra com outros tantos presentes e circulantes naquele contexto educativo. Tais articulações, recontextualizações e mediações são fatores relevantes e influentes na modificação do modo de endereçamento de filmes em suas apropriações na educação, ou seja, reendereçamento.

## **Metodologia**

O contexto desse estudo, como já dito, é a disciplina PsiMed, que faz parte da grade curricular de Medicina e aborda a humanização da prática médica e a importância do estabelecimento de relações médico-paciente mais empáticas. A Psicologia Médica tem por objetivo a discussão da dimensão psicossocial da atenção, sobretudo o estudo das Relações Médico-Paciente (RMP) (MUNIZ e CHAZAN, 2010), se constituindo como espaço para aprendizado e reflexão a respeito dessas relações e para lidar com as diversas experiências suscitadas nos alunos durante o curso (AGARAKI e SPINK, 2009). Essa disciplina é um dos poucos espaços em que esse discurso é predominante, discurso esse que é contra-hegemônico nessa universidade. Essa disciplina frequentemente faz uso de filmes com a proposta de proporcionar vivências, experiências e reflexões nem sempre oportunizadas no curso de Medicina, dada a ênfase nos conteúdos biomédicos.

Para esta pesquisa, acompanhamos 15 aulas de um semestre da disciplina PsiMed de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Produzimos relatórios de observação das aulas, em que registramos que vídeos foram utilizados, em que contexto temático, a mediação empreendida e as interações entre 25 estudantes e quatro professores participantes das aulas, e as apropriações feitas dos vídeos nesses espaços. Excluímos do conjunto de vídeos que fazem parte deste estudo, um filme utilizado no último encontro da disciplina, não localizado dentro de uma aula específica, mas relacionado à contextualização geral da disciplina.

## **Resultados/discussão**

As aulas estudadas apresentaram uma estrutura comum de divisão em dois blocos. O primeiro completamente expositivo, com uso de projeção de slides, relato de casos e utilização de 10 vídeos. No segundo bloco foram discutidos alguns temas do bloco expositivo e de bibliografia complementar, dramatizadas situações de atendimento, relatados mais casos e apresentados seminários pelos estudantes sobre temas de sua escolha, mas relacionados à temática das aulas. No total, foram cinco seminários constituídos de exposições, dinâmicas e utilização de um total de 13 vídeos.

As aulas tiveram como temas: Relação Médico-Paciente (RMP) e seus modelos no marco sociocultural; Adesão a condutas preventivas e terapêuticas; Aspectos psicossociais de pacientes crônicos; Aspectos psicossociais de pacientes com afecções graves e/ou agudas; A PsiMed na formação do estudante de medicina; Assistência em casos de doença crônica; Pacientes difíceis ou encontros difíceis?; Assistência a crianças; Somatização e Atendimento a

pacientes com queixas difusas; Assistência na idade adulta e na terceira idade; Comunicação de más notícias; Bioética e direito; Morte e assistência em casos de doença terminal.

A RMP foi o tema mais presente nas aulas e mediou a discussão dos outros temas objetos das aulas. A RMP foi discutida levantando questões como: necessidade de estabelecimento de relações empáticas de escuta, sua dimensão ética, a influência da dimensão histórica, cultural e familiar do paciente na prática da RMP, além do sistema de saúde como obstáculo. A saúde do médico não foi um tema que recebeu destaque nas aulas apresentadas, como também objeto de cuidados na RMP. Entretanto, esse tema surgiu recorrentemente nas perguntas feitas pelos estudantes e nos temas de seus seminários, que pareciam demandar orientação para a aplicação da teoria estudada.

Os seminários, além da característica de consistir numa tentativa de resposta às questões levantadas pelos próprios estudantes durante as aulas, também refletiram um interesse dos estudantes sobre temas ligados a situações limites na prática médica, como a comunicação de más notícias, prestação de cuidados paliativos e tomada de decisão nos casos de transplantes.

No quadro a seguir, listamos os vídeos utilizados junto a uma breve descrição. Os vídeos de 1 a 10 foram utilizados pelos professores, os vídeos de 11 a 23, pelos estudantes.

Quadro 1: Filmes e vídeos<sup>1</sup> utilizados na disciplina Psicologia Médica

Nº	TÍTULO	DESCRIÇÃO
1	Animação com fotos	Animação com fotografias sobre as ações do grupo teatral de estudantes junto à ala de oncologia pediátrica de um Hospital.
2	Preguiça no M6	Apresenta a história de um estudante cansado e mostra as consequências de sua procrastinação na prática médica.
3	Medcursos Mutantes	Faz uma sátira à realidade dos estudantes de se prepararem mais para as provas de residência do que para a prática médica.
4	Dr. Nascimento <sup>2</sup>	Satiriza uma situação de uma RMP difícil em que supostamente o médico agisse como um policial do filme Tropa de Elite.
5	Friends (trecho) <sup>3</sup>	Trecho que mostra o parto e a mobilização da “família” com a chegada de um bebê.
6	A folha que cai ao céu (trecho) <sup>4</sup>	Documentário que aborda o fim da vida de idosos em asilos, seu afastamento da família e o sofrimento de familiares.
7	Reações de pacientes terminais <sup>5</sup>	Edição com vários trechos de filmes em que são exemplificadas as reações dos 5 estágios do Luto de KÜBLER-ROSS.
8	Blade Runner (dois trechos) <sup>6</sup>	Os trechos apresentam reflexões faladas (na voz do androide e voz-over) sobre existência, o tempo e a finitude.

1 Alguns títulos foram modificados a fim de manter o sigilo dos participantes da pesquisa.

2 Disponível em: <<http://youtu.be/QBTUAM8NIOU>>.

3 Disponível em: <<https://youtu.be/p4fl1d7NSU4>>.

4 Disponível em: <<http://youtu.be/S09zpRXm1U8>>.

5 Disponível em: <<http://youtu.be/W718m3jM1zU>>.

6 Disponível em: <<https://youtu.be/ZVD28yXOZtE>>.

9	Girafa na areia movediça <sup>7</sup>	Animação em que uma girafa afundando na areia movediça passa pelos 5 estágios do Luto de KÜBLER-ROSS.
10	Wit (2 trechos) <sup>8</sup>	Dois trechos do longa-metragem WIT. No primeiro, a protagonista recebe uma má notícia e, no segundo trecho, ela vivencia a morte.
11	Always now – Sam Harris <sup>9</sup>	Animação de imagens com a fala de Sam Harris em uma palestra sobre a existência, morte e o tempo presente.
12	Ursinho Elo <sup>10</sup>	Vídeo de um projeto em que ursos de pelúcia com gravadores internos possibilitam a crianças hospitalizadas receberem mensagens de voz de amigos e familiares.
13	Patch Adams (trecho) <sup>11</sup>	Trecho do filme em que o médico faz palhaçadas para as crianças internadas.
14	O médico <sup>12</sup>	Ilustra a poesia de Rubem Alves sobre o quadro do Médico e sua n RMP.
15	Depoimento de um estudante da turma	Vídeo em que é apresentado um depoimento de um dos estudantes da turma sobre o impacto da formação médica em sua vida pessoal.
16	O que são cuidados paliativos? <sup>13</sup>	Vídeo produzido pelo Instituto Oncoguia em que uma oncologista faz uma explanação sobre cuidados paliativos.
17	O sentido dos cuidados paliativos	Vídeo produzido pelo Instituto Oncoguia em que a médica conta o caso de um paciente, ilustrando a ideia de cuidados paliativos.
18	Crianças falando do papel do médico	Vídeo apresenta algumas crianças com suas ideias e fantasias dizendo qual é o papel do médico.
19	Esperar para quê? Doe mais vida <sup>14</sup>	Vídeo integrante da campanha em prol da doação de órgãos, do governo do estado do Rio de Janeiro – PET (Programa Estadual de Transplante).
20	Campanha para doação de órgãos <sup>15</sup>	Vídeo da campanha de doação de órgãos do ministério da saúde, em que pacientes, médicos, entre outros, cantam a canção Carinhoso de Braguinha.
21	Diagnóstico de morte encefálica <sup>16</sup>	Vídeo feito por estudantes de uma escola pública em que é encenado um exame para atestar a morte encefálica de um paciente.
22	Asma – House (trecho) <sup>17</sup>	Trecho do seriado <i>HOUSE</i> , em que uma paciente se queixa da não eficácia do medicamento e descobre que não o sabia utilizar adequadamente.
23	Paciente difícil	Entrevista filmada, feita pelos próprios alunos, com uma paciente difícil que eles acompanham na enfermaria.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/1PFQWRv7hGo>>.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/sc-yx0HowuA>> e <<https://youtu.be/eucAdWW-4HM>>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/T3JzcCviNDk>>.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/cEZ4Ob1RL08>>.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/5ozbHwdi2bo>>.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/gRfx00knUKk>>.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/Fa4ctd1uxNc>> e <[http://youtu.be/Ohs8Ljxh\\_Is](http://youtu.be/Ohs8Ljxh_Is)>.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/5HUjyM0EzYw>>.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/FkzyEkT7Qhc>>.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/3RDciAP-K9Y>>.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://youtu.be/21TL94NEzvg>>.



Os professores utilizaram vídeos em apenas três aulas: Assistência a crianças (vídeos de 1 a 5), Assistência na idade adulta e na terceira idade (vídeo 6), Morte e assistência em casos de doença terminal (vídeos de 7 a 10). Ou seja, os vídeos foram em maior parte utilizados para ilustrar assuntos e conceitos apresentados teoricamente, além de apresentar contextos e situações de atendimentos ainda distantes a esses estudantes. Já os estudantes trouxeram os vídeos como meio de sensibilizar ou problematizar alguns tópicos de sua apresentação (vídeos de 11 a 15 e de 18 a 20). Esses vídeos tinham um forte apelo emocional e frequentemente eram portadores de questões relevantes para a temática dos seminários, e que disparavam discussões após sua exibição. Entretanto, os estudantes também trouxeram vídeos que ilustravam suas proposições, como os vídeos 16, 17 e 21 a 23.

Os professores utilizaram com frequência trechos por eles extraídos de obras (vídeos 5, 8 e 10), o que revela já uma ação de recorte do significado esperado para o uso da obra. Nos exemplos citados, foram destacadas reflexões existenciais nos filmes. Além disso, nesse ponto, podemos encontrar concordância nas suposições de quem eram esses espectadores/estudantes. Alguns professores efetivamente editaram os vídeos e retiraram apenas um trecho de duração até cinco minutos, mesmo tempo dos vídeos completos utilizados pelos estudantes. Durante um bom tempo, cinco minutos foi o tempo máximo de um vídeo do youtube. Portanto, ambos supuseram que o espectador não disporia de atenção ao vídeo por muito tempo.

Os professores também tenderam a buscar vídeos que se aproximassem de uma suposta linguagem mais própria dos jovens (vídeos 1, 2, 3, 4, 5 e 9), repleta de trechos de humor, paródias e sátiras, que em geral eram produções de outros estudantes (de períodos passados ou de estudantes de outras universidades, encontrados na internet). Por outro lado, estudantes buscaram vídeos que fossem voltados a um público mais diversificado que o dos vídeos escolhidos pelos professores. Isso pode ser explicado pelo fato dos estudantes endereçarem o seminário ao professor avaliador e aos seus colegas que assistem ao seminário. Para isso, os vídeos escolhidos tendiam mais à apresentação de informação e campanhas de saúde com forte apelo emotivo.

Nos vídeos utilizados pelos professores, os médicos protagonizaram apenas aqueles que possuíam um caráter mais de humor, de sátira (vídeos 3 e 4). A perspectiva mais privilegiada nos vídeos trazidos pelos professores foi a do paciente (vídeos 5, 7, 9 e 10) ou da família do paciente (vídeo 6). Esses usos refletem de alguma forma o foco nos pacientes, que as aulas tiveram, no esforço do desenvolvimento da empatia na prática médica. Nas escolhas dos vídeos, os estudantes trazem o médico como foco da discussão, é dele a perspectiva mais valorizada. Se não é um médico que aparece falando no vídeo (vídeos 13, 15 a 17, 21 e 22), é sobre ele que se fala no vídeo (14 e 18). Os estudantes também apresentaram alguns vídeos em que a perspectiva do paciente é valorizada, seja por se referir a ele ou se dirigir a ele (11, 12, 19 e 20).

No papel de espectadores, os estudantes em alguns momentos foram bem críticos, se posicionando claramente contra o argumento defendido no vídeo, por exemplo no caso do vídeo 6, “A folha que cai ao céu”. Parece que, com o uso do vídeo, os estudantes se sentiram mais empoderados, inclusive para contestar a defesa que o professor fez em prol do argumento apresentado no vídeo. Tal postura não foi vista com frequência em outros momentos das aulas. Em outros momentos, eles pareceram de fato “entrar” na história apresentada nos vídeos e efetivamente chorar como forma de externar a emoção que sentiram. Esses momentos de choro ocorreram com o vídeo 1 (imagens de crianças com câncer), e com os vídeos 11 a 14, 18 a 20 e 24. Com isso podemos notar que apenas um dos vídeos utilizados

pelos professores chegou a emocionar ao ponto de lhes trazer lágrimas, enquanto oito dos doze vídeos apresentados por estudantes conseguiram essa façanha. Outros vídeos, sobretudo os amadores ou de sátira, lhes provaram boas gargalhadas. Os professores, por sua vez, se mantiveram em postura constante de avaliação dos seminários e não interagiram o bastante para que pudéssemos concluir algo sobre sua atividade espectral.

De modo geral, podemos entender que as aulas de PsiMed se voltaram à defesa de suas perspectivas por meio da exposição de conceitos, e a utilização de vídeos parece cumprir o papel de ilustrar a exposição feita. Por outro lado, parece que os alunos cobram uma melhor indicação da aplicabilidade prática das teorias apresentadas e demandam reflexões específicas dos aspectos ligados à prática médica. A escolha de vídeos por estudantes parece cumprir essa função.

Outro ponto que merece ser frisado é que os estudantes, ao escolherem os vídeos para os seminários, parecem ter conseguido melhor interpelar sua audiência. Seja pela escolha da linguagem do vídeo, ou pelo conteúdo nele apresentado (evidentemente ligada à escolha do tema do seminário), há sinais de que eles conseguiram provocar mais discussões e mesmo emocionar mais os espectadores, seus colegas. O médico ter mais foco, estar mais presente nas histórias dos vídeos apresentados pelos alunos, talvez seja um dos fatores desse maior apelo notado na seleção de vídeos dos alunos. O modo como foram utilizados estes vídeos também pode dar algum indício dessas diferentes reações. Quando os vídeos não foram utilizados apenas para ilustrar ou apresentar um assunto, quando foram utilizados para trazer uma discussão ou sensibilizar para algum tema que seria apresentado, há indícios de que os vídeos produziram impacto maior nas emoções dos estudantes que, movidos por isso, se empenharam mais em refletir e discutir sobre estes temas.

Caracterizando o modo de endereçamento, podemos dizer que os filmes apropriados por professores e o modo como eles são utilizados parecem “pensar” os estudantes como futuros médicos, nem sempre interessados (linguagem, humor e duração dos vídeos) que ainda carecem de vivências e ilustrações de aspectos da prática médica que ainda não lhe são familiares e, portanto, querem que estes adquiram tais experiências por meio de reflexões e vivências decorrentes da experiência de se colocarem no lugar dos pacientes (protagonistas mais frequentes). Contudo, esses estudantes reconhecem como mais experientes e, em muitos momentos, resistem e questionam muitos aspectos dos conteúdos apresentados pelos filmes e da mediação empreendida pelos professores.

Já os estudantes, em sua apropriação de filmes, pensam os professores na posição de avaliadores e estudantes, como eles próprios, ou seja, compartilham a necessidade de compreender como aplicar na prática médica as teorias expostas pelos professores, além da forte carga emocional atrelada a essa prática médica por eles pretendida. Nas apropriações, explicitam que esperam que os espectadores sejam os médicos apresentados (protagonista mais frequente), médicos que estabelecem uma RMP bastante humana e próxima aos pacientes, por isso a necessidade de abordar as emoções implicadas nesse atendimento. Os alunos espectadores assumiram esse papel proposto pelos alunos mediadores, enquanto os professores mantiveram-se na postura de avaliadores.

## **Considerações Finais**

Estudantes e professores adequaram suas escolhas às suposições de quem seus espectadores eram. Os professores utilizaram os vídeos para ilustrar e vivências distantes dos estudantes e tópicos do programa da disciplina que não seriam facilmente abordados apenas com palavras. Os estudantes utilizaram em maior parte vídeos de campanhas que reforçavam a importância



dos assuntos por eles apresentados, além de trazerem vídeos que ilustraram proposições. Nos vídeos dos estudantes, foi valorizada a perspectiva dos médicos, eles pensam ou gostariam de ser médicos. Já os professores valorizaram os pacientes, eles gostariam que os estudantes ocupassem esse lugar. Isso tem a ver com a empatia. Como espectadores, os estudantes ora resistiram aos argumentos do vídeo, ora estabeleceram uma relação bastante próxima à narrativa chegando a expressar emoções por meio de choros e gargalhadas.

A mediação pelos professores se deu principalmente pelo conteúdo das aulas, e no momento em que a eles era exibido, em geral, como uma ilustração à uma exposição e no fechamento do um bloco explicativo. Nesse sentido, podemos supor que os estudantes se relacionam com o vídeo como se este fosse um material que deveria ser estudado, apesar dos trechos de filmes escolhidos pretenderem provocar reflexão ou proporcionar vivências de contextos ainda distantes das práticas médicas desses alunos. A mediação empreendida pelos alunos consistiu, em maior parte, de uma prévia sensibilização que destacou a relevância dos tópicos das exposições para vivência deles como médicos. Isso também se reflete nos conteúdos selecionados. Suas respostas a esses vídeos foram bastante carregadas de interesse e acompanhadas por expressões de emoções.

Esses resultados, as diferenças de mediação e respostas a estas por estudantes, convergem para se questionar a ideia corrente na literatura sobre uso de vídeos na educação, uma vez que estudantes parecem haver conseguido melhor se abordarem enquanto espectadores, tarefa que não foi fácil para os professores. Essa diferença também reforça a necessidade de se considerar o papel ativo dos sujeitos envolvidos (espectadores, produtores e mediadores) nessa negociação de sentidos, como um meio de melhor se apropriar vídeos em contextos educativos.

## Agradecimentos e apoios

CAPES, CNPq e FAPERJ.

## Referências Bibliográficas

- ARAGAKI, S. S.; SPINK, M. J. P. Os lugares da psicologia na educação médica. *Interface*. n.13, v.28, p.85-98, 2009.
- ARROIO, A.; GIORDAN, M. O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino. *Química Nova na Escola*, São Paulo, n. 24, 2006.
- BLASCO, P. G.; GALLIAN, D. M. C.; RONCOLETTA, A. F. T.; MORETO, G. Cinema para o estudante de medicina: um recurso afetivo/efetivo na educação humanística. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.29, n.2, p.119-128, 2005.
- BOOG, M. C. F; VIEIRA, C. M; OLIVEIRA, N. L; FONSECA, O; L'ABBATE, S. Utilização de vídeo como estratégia de Educação Nutricional para adolescente: “ comer... o fruto ou o produto?” *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 281-293, jul./set., 2003.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema. In: SILVA, T. T. (Org.). *Nunca fomos humanos: metamorfoses da subjetividade contemporânea*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FERRÉS, J. *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2. ed., 1996.

HALL, S. Reflexões sobre o modelo de Codificação/Decodificação (entrevista com Stuart Hall). In: SOVIK, L. org. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Unesco, p. 353-386, 2003.

MORLEY, D. Interpretar televisión: la audiencia de Nationwide. In: \_\_\_\_\_. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

MUNIZ, J. R.; CHAZAN, L. F. Ensino de psicologia médica. In: MELLO FILHO, J. *et al. Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

PASTOR JUNIOR, A. A.; REZENDE, L. A. C.; BASTOS, W. Recepção audiovisual na educação médica: leituras de um vídeo educativo de psicologia médica por estudantes de medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro , v. 36, n. 4, p. 516-523, Dec. 2012.

WORTH, S. The Uses of Film in Education and Communication. In: GROSS, L. (ed.). *Studying Visual Communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981. p.108-133.